



v.14, n.1, 2017
Setembro-Dezembro
Dossiê 150, 100, 50

**O FETICHISMO NOSSO DE CADA DIA: A RELIGIÃO
PROFANA DO CAPITAL – NATURALIZAÇÃO E
DOMINAÇÃO**
[THE FETISH OF OUR EVERY DAY: THE PROFANE
RELIGION OF CAPITAL - NATURALIZATION AND
DOMINATION]

Renato Almeida de Oliveira
Universidade Estadual do Vale do Acaraú, Brasil
E-mail: renatofilosofosds@yahoo.com.br

Eduardo Ferreira Chagas
Universidade Federal do Ceará, Brasil
Bolsista de Produtividade do CNPq, Brasil
E-mail: ef.chagas@uol.com.br

RESUMO ABSTRACT

O presente artigo tem por objetivo explicitar e problematizar um dos aspectos que envolve a questão do fetichismo na obra de Marx, a saber: a naturalização das relações sociais fundadas na lógica reprodutora de mercadorias. A problemática do fetichismo adquire importância na esteira da luta pela autêntica emancipação humana. O modo de ordenamento do capitalismo, sua lógica de reprodução constante do valor, destrói a capacidade humana de se autorreconhecer como produtor da existência e de reconhecer, ainda, o caráter social de sua atividade. Os indivíduos vivem subjugados a um poder que, aparentemente, lhes escapa ao controle. Cria-se, desse modo, uma situação de dominação generalizada dos seres humanos. Assim, Marx procura demonstrar que no capitalismo os indivíduos vivem dominados por um poder estranho, que se lhe opõe de modo hostil, que o oprime, assim como os deuses fazem com os homens que não cumprem seus caprichos. O fetichismo é superado quando os homens compreendem que sua ação é o que confere poder aos objetos. Esta é a condição necessária para se pôr fim às ilusões do fetiche e o homem possa se reconciliar consigo mesmo. É importante salientar, contudo, que essa superação do fetichismo não é apenas um ato volitivo ou de tomada de consciência, mas uma luta e superação de um poder material, o poder do capital e de sua lógica de reprodução do valor. É consciente da necessidade dessa luta, dessa práxis emancipatória, que Marx deposita sua esperança na classe trabalhadora.

This article aims to expose and problematize one of the aspects that involves the question of fetishism in the work of Marx, namely: the naturalization of social relations conscious importance in the line of the struggle for authentic human emancipation. The mode of ordering capitalism, its logic of constant reproduction of value, destroys the human capacity to self-recognize itself as the producer of existence and to recognize the social character of its activity. Individuals live subjugated to a power that apparently escapes them from control. In this way, a situation of generalized domination of human beings is created. Therefore, Marx seeks to demonstrate that in capitalism individuals are dominated by a foreign power, which opposes it in a hostile, oppressive way, just as the gods do with men who do not fulfill their whims. Fetishism is overcome when men understand that their action is what gives power to objects. This is the necessary condition to put an end to the illusions of the fetish and man can reconcile himself. It is important, however, that this overcoming of fetishism is not only a volitional act or an awareness, but a fighting and overcoming of a material power, the power of capital and its logic of reproduction of value. Is conscious of the necessity of this fight, of this emancipatory praxis, that Marx places his hope in the working class.

PALAVRAS-CHAVE **KEYWORDS**
Marx. Fetichismo. Marx. Fetishism.
Naturalização. Dominação. Naturalization. Domination.

1 Introdução

Vivemos a época de um mundo encantado, o mundo do capital, que permeia a vida humana com a sua lógica como uma diretriz inelutável, e o faz, principalmente, por meio de uma dominação “religiosa” das consciências dos indivíduos, de uma fetichização de suas existências. Nesse sentido, tematizar o problema do fetichismo é uma perspectiva teórica necessária contemporaneamente. Ou seja, é preciso retornar a Marx no que tange à sua “teoria do fetichismo”, extrair dela o todo o seu potencial explicativo do modo como a sociedade capitalista está estruturada, estruturação essa que implica patologias existenciais, que significam uma perda, por parte dos indivíduos, de suas características ou habilidades humanas. No caso do fetichismo, há a inversão entre os sujeitos e os objetos da produção, onde o próprio sujeito não se reconhece como o criador e, portanto, como superior ao objeto. Este adquire as características humanas, aquele é reificado, o que significa dizer que os homens vivem a forma reificada das relações de produção e reprodução do capital.

A problemática do fetichismo adquire, nesse sentido, importância na esteira da luta pela autêntica emancipação humana. O modo de ordenamento do capitalismo, sua lógica de reprodução constante do valor, destrói a capacidade humana de se autorreconhecer como produtor da existência e de reconhecer, ainda, o caráter social de sua atividade. Nesse sentido, a questão do fetichismo assume, além de sua dimensão efetivamente prática, marcada pelas relações de produção, uma dimensão normativa, pois o não reconhecimento dos indivíduos como os verdadeiros detentores do poder sobre os objetos da produção gera um conflito moral que tem como sentido a restituição da consciência dos homens como a base fundamental da produção material da sociedade, o que não ocorre apenas como autorreconhecimento, mas também como reconhecimento intersubjetivo. Essa é, por exemplo, a leitura feita por Axel Honneth (2003). Esse reconhecimento intersubjetivo é importante porque permite romper com a indiferença mútua que prevalece nas relações sociais hodiernas.

O fetichismo presente na forma mercantil do capitalismo põe em primeiro plano o movimento das mercadorias, dos objetos de consumo, em detrimento dos seres humanos, dos sujeitos. Nessa perspectiva, nada possui permanência a não ser a lógica da destruição generalizada e desenfreada, as relações sociais tornam-se efêmeras, marcadas pelo consumo, onde cada indivíduo torna-se uma mercadoria que pode ser descartada a qualquer momento. Assim, na sociedade dominada pela forma mercadoria, as pessoas não apenas consomem, mas são também consumidas.

É inegável, por conseguinte, que o fetichismo torna-se a tônica da sociedade dos consumidores, encobrindo a determinação de objeto que os indivíduos assumem, na medida em que os põe sob o domínio da forma valor. Daí ser necessário problematizar o fetichismo para superarmos a tônica naturalizante do sistema produtor de mercadorias.

O presente artigo, por conseguinte, objetiva explicitar e problematizar um dos aspectos que envolvem a questão do fetichismo na obra de Marx, a saber: a naturalização



das relações sociais fundadas na lógica reprodutora de mercadorias. Não faremos, portanto, uma leitura estritamente exegética da questão do fetichismo na obra marxiana. Nos valeremos de suas considerações para pensar as implicações do fetiche na vida cotidiana dos indivíduos e como este possibilita uma dominação do capital sobre as pessoas.

2 O fetichismo em Marx: a religiosidade profana do capital e a dominação humana

Uma adequada abordagem sobre a questão do fetichismo numa perspectiva marxiana deve partir de uma análise da lógica mercantil do regime capitalista de produção, o que não significa dizer que a questão do fetichismo se restrinja a uma questão meramente econômica. Porém, essa, no nosso entendimento, deve ser o ponto de partida. É nesse sentido como abordamos o fetichismo nesta exposição, isto é, seguimos a lógica do próprio Marx, procurando extrair de suas considerações implicações relevantes para pensar a realidade contemporânea, sob os mais diversos aspectos, normativo, antropológico, filosófico etc. Portanto, o nosso ponto de partida é a estrutura econômica da produção material da sociedade sobre a qual se erguem e se cristalizam as relações e os antagonismo entre os indivíduos e os grupos sociais, pois como nos diz Octavio Ianni (1988, p. 17), “[...] todos os trabalhos de Marx são, fundamentalmente, a interpretação de como o modo capitalista de produção mercantiliza as relações, as coisas e as pessoas, em âmbito nacional e mundial; ao mesmo tempo que desenvolve as suas contradições”.

Entendemos que fazer uma reflexão sobre o fetichismo, especialmente na perspectiva aberta por Marx, é fazer uma análise sobre o modo como a sociedade contemporânea determina o conjunto das relações sociais, tendo em vista que o capital, ao impor a *forma valor* como forma essencial das relações humanas, transforma-a “no sujeito automático do processo” (MARX, 2013, p. 230), ou seja, faz os indivíduos viverem subjugados a um poder que, aparentemente, lhes escapa ao controle. Cria-se, desse modo, uma situação de dominação generalizada dos seres humanos.

Em linhas gerais, o termo fetichismo nos remete à ideia de algo com poder capaz de dominar os indivíduos, com característica sobrenatural com relação ao qual o homem se sente submisso. Tal conceituação de fetichismo advém da origem religiosa do termo. Contudo, uma outra característica do fetichismo que nos chama a atenção é o fato de o objeto do fetiche que domina o ser humano ser um produto do próprio homem, ou seja, o ser produzido que domina o produtor. Aqui não nos referimos apenas a objetos materiais, produzidos pelo trabalho, por exemplo, mas também a objetos do pensamento, como ocorre com os deuses ou com outras entidades “sobrenaturais” ou supra-materiais.

A ideia do fetiche como algo produzido, construído, não é recente. Como nos relata o antropólogo francês Bruno Latour (2002, p. 11) no século XVIII dizia-se

[...] que os povos de pele clara que habitam a faixa setentrional do Atlântico praticam uma forma particular de culto às divindades. Eles partem em



expedições a outras nações, apropriam-se das estátuas de seus deuses, e as destroem em imensas fogueiras, conspurcando-as com as palavras ‘fetiches! Fetiches!’ que em sua língua bárbara parece significar ‘fabricação, falsidade, mentira’.

Além de objeto fabricado é também de longa data a ideia de que o fetiche é uma mentira, uma enganação. Tanto a ideia de fabricação quanto a de enganação acompanham o conceito de fetichismo. Assim, o fetichismo pode ser conceituado como uma condição de existência na qual os indivíduos são dominados por objetos, por seres, que são criados por eles, mas que adquirem um poder sobre-humano. Enquanto produtores, os homens é quem deveriam dominar os objetos fabricados. Desse modo, viver sob o domínio do fetiche é viver uma vida não autêntica, enganosa, pois os homens o fabrica com suas próprias mãos, com seu trabalho, mas atribui ao produto deste trabalho forças, poderes. “Assim, ainda que o fetiche não seja *nada* senão aquilo que o homem faz dele, ele *acrescenta*, contudo, alguma coisa: ele *inverte* a origem da ação, ele *dissimula* o trabalho humano de manipulação, ele *transforma* o criador em criatura” (LATOURE, 2002, p. 26-27. Grifos do autor).

No fetichismo há uma confusão entre o imanente e o transcendente. As duas realidades se misturam, criando divindades espaço-temporais, mas com poderes que transcende o espaço e o tempo. Porém, é importante refletirmos sobre essas divindades espaço-temporais. Os fetiches materiais não são menos poderosos do que fetiches religiosos. Ao contrário, podem mesmo ser mais poderosos, pois são palpáveis, satisfazem materialmente desejos, fantasias, necessidades que, em muitos casos, não encontram satisfação em fetiches religiosos, ou seja, nos deuses transcendentais. O fetichismo que envolve as mercadorias, por exemplo, tem o poder de satisfazer uma necessidade imediata dos indivíduos, embora se possa questionar a origem dessa necessidade, se naturalmente humana ou se fabricada pelo mercado. De todo modo, a mercadoria, assim como os deuses, aprisiona os homens, os tornam dependentes. Esse “fetichismo secular” povoa o mundo material, tendo, portanto, além do poder “sobrenatural”, um poder material. “Assim, longe de ser esvaziado de sua eficácia, mesmo entre os modernos, o fetiche parecer agir constantemente para deslocar, confundir, inverter, perturbar a origem da crença e a certeza de um domínio possível. A força que se quer retirar ao fetiche, ele a recupera no mesmo instante” (LATOURE, 2002, p. 29).

Em Marx, a ideia do fetichismo pode ser sintetizada na seguinte afirmação: “Assim como na religião o homem é dominado pelo produto de sua própria cabeça, na produção capitalista ele o é pelo produto de suas próprias mãos” (MARX, 2013, p. 697). Tal assertiva nos remete à ideia do estranhamento desenvolvida por Marx em suas obras juvenis. Nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* de 1844 ele nos põe (MARX, 2004, p. 83):

Assim como na religião a auto-atividade da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo e sobre ele,



isto é, como uma atividade estranha, divina ou diabólica, assim também a atividade do trabalhador não é a sua auto-atividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo.

A diferença entre essas duas passagens de Marx é que enquanto nos *Manuscritos* ele está se referindo ao trabalho como atividade estranhada, independente e opressora do homem, em *O Capital* ele se refere ao produto do trabalho, ao resultado final da produção capitalista. Contudo, a ideia que subjaz ambas as citações é a de que o ser humano está dominado por algo que lhe é intrínseco, por alguma coisa que é produto de sua atividade, mas que se lhe opõe como um poder hostil. Como a relação imediata do homem com sua atividade se dá por meio dos produtos de sua atividade, dos objetos da sua produção, então na medida em que esses objetos lhes são subtraídos, os indivíduos perdem uma parte essencial de sua existência, uma parte fundamental para a sua sobrevivência, tendo, para tanto, que se submeter às regras, à lógica do sistema produtor para reaver, pelo menos em uma ínfima parte, o que, logicamente, deveria lhe pertencer. “E não poderia ser diferente”, diz Marx, “num modo de produção em que o trabalhador serve às necessidades de valorização de valores existentes, em vez de a riqueza objetiva servir às necessidades de desenvolvimento do trabalhador” (MARX, 2013, p. 697).

O enigma que envolve o conceito de fetichismo na obra marxiana decorre claramente da sua utilização em um livro que trata, principalmente, da forma de organização econômica das sociedades desenvolvidas, e não, como seria de se esperar, de formas de religião ditas primitivas, de análises de mitologia ou ainda de formas de pensamento (FLECK, 2002, p. 142).

Desse modo, Marx procura demonstrar que no capitalismo os indivíduos vivem dominados por um poder estranho, que se lhe opõe de modo hostil, que o oprime, assim como os deuses fazem com os homens que não cumprem seus caprichos.

Pensar o fetichismo em Marx, contudo, requer uma reflexão sobre o caráter social do trabalho em sua particularidade capitalista, ou seja, como atividade produtora de valor. Para desenvolver sua análise, em *O Capital*, Marx parte do exame da mercadoria tendo em vista que a sociedade burguesa moderna, ou seja, a sociedade capitalista, não passa de uma sociedade essencialmente produtora de mercadorias e se apresenta como uma coleção dessas mercadorias como a forma mais genérica da produção burguesa. Nas palavras de Marx: “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’, e a mercadoria singular como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria” (MARX, 2013, p. 113).

A mercadoria é a forma imediata de objetivação do trabalho humano no capitalismo. Ela possui uma dupla determinação, a saber: por um lado ela se determina como um *valor de uso*, que é a sua utilidade, o seu bem. “O valor de uso se efetiva apenas no uso ou



no consumo. Os valores de uso formam o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta” (MARX, 2013, p. 114). Por outro lado, a mercadoria também se determina como *valor de troca*, o qual tem no valor de uso o seu suporte material. O valor de troca é uma grandeza abstrata que prescinde do valor de uso, das qualidades específicas das mercadorias. Ao fazer isso, o que resta às mercadorias é o fato de serem produtos do trabalho humano, mas não de um trabalho específico, e sim de um trabalho humano abstrato. Conforme destaca Marx, desta forma de trabalho resulta

[...] uma mesma objetividade fantasmagórica, uma simples geleia [*Gallerte*] de trabalho humano indiferenciado, *i.e.*, de dispêndio de força de trabalho humana, sem consideração pela forma de seu dispêndio. Essas coisas representam apenas o fato de que em sua produção foi despendida força de trabalho humana, foi acumulado trabalho humano. Como cristais dessa substância social que lhes é comum, elas são valores – valores de mercadorias (MARX, 2013, p. 116).

O trabalho abstrato, portanto, imprime o valor nas mercadorias e estas, sob a forma valor, tornam-se a tônica do capitalismo, o que significa dizer que nesse sistema socioeconômico tudo torna-se permutável, tudo adquire a “forma mercadoria”. Esta domina a vida dos indivíduos. É a lógica da troca, do vendável, onde tudo adquire um preço. Assim, uma mercadoria assume sua determinação essencial quando se torna valor de uso para outro, quando ela é transferida a outro. Tudo o que tem essa característica assumiu a forma mercadoria, não apenas objetos materiais, mas também o que transcende a esfera do trabalho, como é o caso da consciência, da honra, do conhecimento etc. Aqui se manifesta o caráter essencial do sistema capitalista, qual seja, a produção generalizada de mercadorias, da lógica da venda, da reprodução do valor. Não interessa o bem-estar dos indivíduos, mas a reprodução do sistema. A forma mercadoria torna-se a forma predominante no capitalismo. Ela regula não apenas a relação dos objetos, mas a relação entre os próprios produtores. A lógica da troca, da vendabilidade se torna um processo espontâneo.

Como consequência de todo esse processo, e o que torna a dominação do capital sobre os homens tão eficaz, ocorre uma naturalização das relações capitalistas, da lógica mercantil, uma divinização, sacralização, desta. Os indivíduos, nessas circunstâncias, vivem numa realidade mistificada, pois são dominados pelo poder dos objetos, pelo processo de produção, como se isso fosse natural, como se o capital fosse um fato inquestionável, eterno, como se não tivesse um caráter social fundado no trabalho humano. Esse poder que se sobrepõe aos homens como algo opressor é o que Bidet (2010, p. 201) denomina de Leviatã ao afirmar que:

O fetiche é o mundo social transformado em coisa, no sentido de que ele escapa, em seu conjunto, aos produtores que o constituem, e se erige diante deles como uma potência global na qual só intervêm, cada um por si, na

medida de sua capacidade estratégica de se constituírem em momento do mecanismo. Esse Leviatã, que é, como ser social, dentro do conjunto por ele constituído, o próprio “entendimento e razão” desses produtores, escapalhes, impõe-se a eles e a seu reconhecimento como potência estrangeira”.

A produção de mercadorias, com tudo o que a implica dentro do processo capitalista de produção é o que cria as relações de dependência, ou seja, a dominação dos indivíduos dentro do sistema sócio-econômico. Assim, o fetichismo não pode ser compreendido como pura criação da vontade dos indivíduos, como aparentemente ocorre com o fetichismo religioso (embora neste as condições naturais, afetivas e psíquicas sejam determinantes), mas como o resultado das relações de produção mercantis. Nisso se funda, essencialmente, a origem explicativa do caráter fetichista da realidade humana e a consequente dominação do capital sobre os indivíduos.

Não é por acaso que todo processo de reflexão de Marx sobre as relações, os processos e as estruturas capitalistas, é também uma sistemática, profunda e contundente crítica de todas as interpretações, doutrinas, ideias ou conceitos pre-existentes sobre os mesmos fatos. É que as representações sobre o real são parte necessária do real; são ‘sombras’, ‘reflexos’, ‘formas invertidas’ das relações, processos e estruturas do capitalismo” (IANNI, 1988, p. 19).

Assim, na medida em que produzem a realidade material, os indivíduos são subjugados, são oprimidos por essa mesma realidade. As ideias que criam, o modo como veem e se comportam no mundo são o reflexo do modo como suas vidas são estruturadas pelo sistema produtor. Existe um encadeamento entre a reprodução sistêmica e a vida cotidiana, as práticas e crenças dos homens. É exatamente nisso que consiste a fetichização da vida, que aparece com um invólucro místico, religioso.

Como diz Marx, no capitalismo vivemos envoltos em mercadorias, em coisas compráveis. Esse mundo de objetos nos é apresentado de maneira acessível, assim como nas religiões os deuses nos são apresentados como o sumo bem o qual devemos buscar como condição de uma vida boa. Isso nos transmite a ideia de que esses seres (as mercadorias, os deuses) são autônomos, com propriedades benéficas, até mesmo como condição da nossa existência. O fetiche parece, portanto, uma atitude religiosa que legitima o capital de tal modo que este continue sua reprodução com “boa consciência”. O caráter fetichista do capital é a face ideológica ocultadora do caráter inumano, explorador, dominador, destruidor do sistema. Ele cria uma forma de legitimação, dando ao capital um caráter de absoluto. Nesse sentido, é inequívoco que os fetichismos de todos os tipos se combinem à existência e à constância das relações sociais estranhadas que as pessoas, os grupos e as classes sociais desenvolvem entre si e com os produtos das suas atividades.

Por conseguinte, é forçoso afirmar que uma luta anti-capitalista deve,

OLIVEIRA, R. A.; CHAGAS, E.F. O fetichismo nosso de cada dia. p.77-87.



necessariamente, perpassar por uma crítica, um desvelamento, do caráter fetichista do capital, é uma tarefa indispensável, tendo em vista que o sistema produtor se determina e se mantém numa relação direta com o fetiche, haja vista este dominar efetivamente as consciências individuais, uma dominação que adentra o modo de pensar e sentir das pessoas. É o que Marx na juventude denominava de auto-estranhamento humano, ou seja, o não reconhecimento do homem como detentor do poder sobre os produtos de sua atividade, que passam a pertencer a outro, engendrando, assim, o domínio de quem não produz sobre a produção e os produtos, bem como sobre os próprios produtores (MARX, 2004, p. 87). É uma espécie de naturalização da dominação, de divinização do sistema, uma assimilação do elemento religioso pelo capitalismo:

[...] o zelote religioso e o zelote capitalista compartilham da mesma estrutura mental “fetichista”, em que a distinção entre fato e valor se turva e em que imaginam “não ter como agir diferentemente” por que seus sistemas de descrição os deixam cegos até mesmo para a possibilidade da escolha. E não é por acaso que esses dois tipos de fetichistas deveriam ser ascéticos. “Na medida em que as ações [de um homem] são uma mera função do capital”, enquanto ele desempenhar o papel de capitalista, “seu próprio consumo particular constitui um roubo [...] um pecado contra a sua *função*”. O fetichista se vê como alguém que só existe para cumprir uma função; o menor desvio desse papel põe sua própria “existência” em questão e gera uma culpa que o abala profundamente (BERMAN, 2001, p. 65-66).

O sistema do capital, por conseguinte, deve ser visto como uma religião secular, profana, que, de modo heterônomo, condiciona a vida das pessoas. Por isso Marx afirma, ao determinar que no capitalismo as relações sociais entre os homens assumem a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas, que “para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso” (MARX, 2013, p. 147-148). Ao assumir um caráter religioso, o sistema produtor de mercadorias torna-se algo imune, blindado, pois como lutar contra “leis naturais”, contra uma “vontade superior”? É nesse sentido que Berman (2001, p. 60-61) esclarece:

A função do fetichismo, e da religião em geral, é livrar o fiel da responsabilidade por suas ações. Não é *e/le* quem está agindo, é Deus (ou o demônio) quem age dentro e por intermédio dele; *e/le* não pode nem criticar, nem modificar, nem transformar o mundo; ele, como o próprio mundo, é apenas o veículo de uma Vontade que não é a sua. Similarmente, o capitalista nega deter o poder de até mesmo tentar modificar os desastrosos processos do mercado: o mercado opera segundo “leis eternas” às quais ele e todos os homens estão irremediavelmente subjugados. A ficção da Lei Natural [...] é extremamente eficiente n que diz respeito a manter os homens fixos em seus papéis. “As leis do comércio”, teria dito Burke, segundo Marx, “são as Leis da Natureza e, portanto, as leis de Deus” [...] Mas é vital para a estabilidade do sistema que os trabalhadores também vivam sob o feitiço



desse tipo de mito, do contrário poderiam deixar-se por uma insatisfação revoltosa [...] Se a locomotiva da produção capitalista há de avançar a todo vapor, é preciso que os trabalhadores se conformem com o fato de ser consumidos como seu combustível: ela precisa desenvolver “uma classe trabalhadora que, por educação, tradição e hábito, perceba as condições desse modo de produção como indiscutíveis leis da natureza”. O fetichismo das mercadorias é um mito determinista criado para conservar a ordem vigente, convencendo as pessoas que nela vivem de que não têm como agir diferentemente. Imaginando-se privados de liberdade, os homens se *transformam* em homens sem liberdade: sua profecia de impotência se autoconcretiza.

Na sociedade fetichizada os indivíduos perdem a consciência de sua autodeterminação. São manipulados por uma lógica sistêmica que lhes subtrai a capacidade de dispor de sua vontade. Pensam dispor de sua liberdade, mas esta não passa de uma ilusão. As liberdades individuais não passam de aparências. Porém, o discurso vigente a legitima dando aos indivíduos a falsa sensação de autonomia, de autorrealização, o que não passa de uma enganação. Na verdade, tudo não passa de um ordenamento que tem como único fim a autorreprodução do capital, é o capital como fim em si mesmo. É preciso superar essa lógica que nega os homens. O fetichismo é superado quando os homens compreendem que sua ação é o que confere poder aos objetos. Esta é a condição necessária para se pôr fim às ilusões do fetiche e o homem possa se reconciliar consigo mesmo.

Aquele que acreditasse depender das divindades, perceberia que está, na verdade, sozinho com sua voz interior, e aquilo que as divindades possuem, foi dado apenas por ele. Enfim desenganado, ele veria que não há *nada* a ser visto. Ele teria dado fim à sua alienação – mental, religiosa, econômica, política – visto que nenhum *alien* viria mais parasitar a construção de suas mãos calejadas e de seu espírito criador. Entusiasmado pela denúncia crítica o homem se encontraria, enfim, único senhor de si próprio, em um mundo para sempre esvaziado de seus ídolos (LATOUR, 2002, p. 27).

É importante salientar, contudo, que essa superação do fetichismo não é apenas um ato volitivo ou de tomada de consciência, mas uma luta e superação de um poder material, o poder do capital e de sua lógica de reprodução do valor. É consciente da necessidade dessa luta, dessa *práxis* emancipatória, que Marx deposita sua esperança na classe trabalhadora.

3 Considerações Finais

O elemento que precisar vir à tona quando tratamos do fetichismo, portanto, e este artigo teve a clara pretensão de explicitar e problematizar, é o modo como os indivíduos interiorizam e tornam naturais e, logo, imutáveis as relações sociais. Nesse sentido,

OLIVEIRA, R. A.; CHAGAS, E.F. O fetichismo nosso de cada dia. p.77-87.



podemos afirmar, nos valendo da tematização de Iasi (2013, p. 37) sobre a ideologia, que o fetichismo assume um caráter ideológico que

opera na consciência imediata, soldando a impossibilidade das contradições da objetividade em uma subjetividade que oferece um caminho para a adequação da expressão ideal à realidade. Isso resulta na adequação da consciência ao real, a uma particular forma de expressão do real que é a sociabilidade do capital, que pela mediação ideológica encontra sua justificativa e se apresenta naturalizado e, portanto, inevitável. As relações sociais de produção e a dominação de classe, ao se constituírem enquanto ideologia, agem sobre tais relações, elaborando para a consciência imediata o real como real. Adaptado ou revoltado, o indivíduo serializado segue sua vida subsumido ao real.

O fetiche, no capitalismo, tem a função de garantir a ordem por meio de uma “blindagem” do sistema que se torna tanto mais eficaz quanto mais povoa a consciência dos homens e, assim, possibilita a reprodução de determinadas relações que sejam coniventes à classe social, política e economicamente dominante.



REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Aventuras no marxismo**. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BIDET, Jacques. **Explicação e reconstrução do capital**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2010.

FLECK, Amaro. O conceito de fetichismo na obra marxiana: uma tentativa de interpretação. In. **Ethic@**. Florianópolis, v. 11. n. 1. pp. 141 – 158. Jun. 2012. Disponível em <<http://www.verlaine.pro.br/txt/fleck-fetichismo.pdf>>. Acesso em 05 Nov. 2017.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

IASI, Mauro Luis. A rebelião, a cidade e a consciência. In. MARICATO, Ermínia [et al.]. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

LATOUR, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Tradução de Sandra Moreira. São Paulo: EDUSC, 2002.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O capital**. Tradução de Rubens Enderle. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.



© Autor, com identificação do direito de primeira publicação da Revista Kalagatos.



OLIVEIRA, Renato Almeida de; CHAGAS, Eduardo Ferreira. O fetichismo nosso de cada dia: a religião profana do capital – naturalização e dominação. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 14, n. 3, set.-dez., 2017, p. 77-87.